

Instituto Sul Africano de Assuntos internacionais
(South African Institute of International Affairs)

Foco sobre a Política do Nepad

O Regresso à Escola

Um Olhar para Além da Educação Primária Universal em África

Sumário Executivo

A educação é a mola real de qualquer economia forte e um pré requisito para o crescimento social e económico. Cria oportunidades e proporciona às sociedades uma força de trabalho mais bem educada e mais competente, factores necessários para o estímulo da economia.

Contudo, na África Subsaariana, uma região com os mais elevados níveis de analfabetismo no mundo, muitos estudantes ainda não gozam do seu direito fundamental à educação com qualidade. De acordo com as Nações Unidas, mais de 40 milhões de crianças – cerca de metade das crianças com idade escolar no continente – não frequentam a escola. Cerca de dois terços destas crianças são meninas. Menos de metade das crianças Africanas têm a possibilidade de terminar os seus estudos primários.

África deveria ser elogiada por avançar, apesar de modestamente, no sentido dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM / MDG) para a Educação Primária Universal (EPU / UPE). Contudo, ao actual e lento ritmo de crescimento de inscrições escolares, África não alcançará a EPU até, pelo menos, 2150 e, mesmo nessa altura, não terá ainda a oportunidade de conseguir a competência que necessita para verdadeiramente se poder desenvolver.

O relatório de monitoria global da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas, (UNESCO) publicado em 2004, fazendo o trajecto do progresso dos países no esforço de alcançar a EPU, concluiu que 22 países na África Subsaariana estão longe de alcançar os objectivos de Educação para Todos. As inscrições nas escolas primárias são baixas, a relação entre o género é profundamente desigual, o analfabetismo está generalizado e a qualidade educacional é muito pobre o que leva a um elevado nível de abandono, significando com isso que muitos alunos nunca chegam a acabar a escola primária.

Muitos países africanos possuem planos muito bem intencionados para implementar os ODM's mas não possuem os recursos para os pôr em prática. A falta de um aumento substancial de auxílio e assistência da dívida tem vindo a prejudicar o progresso. O auxílio para o desenvolvimento da educação básica em África tem que ser aumentado substancialmente para se poder alcançar a educação primária universal completa. Os países africanos mais pobres estão ainda a gastar uma média de 15% das receitas nos juros das dívidas. Os doadores prometeram aumentar o apoio aos países cujas políticas atingissem as elevadas normas de qualidade, equidade e eficácia. Contudo, entre 1 e 2 biliões de dólares são necessários imediatamente, como avanço para apoiar a educação.

O Continente Africano necessita de uma estratégia em duas frentes: Primeira, os governos africanos necessitam de garantir que o dinheiro que seja presentemente recebido dos doadores e atribuídos a orçamentos, sejam gastos de forma eficiente; Em segundo lugar, os governos africanos necessitam de negociar de forma mais dura e têm que tentar conseguir que sejam cumpridas as promessas do mundo desenvolvido.

Em alguns países os esforços para a EPU estão a comprometer a qualidade educacional. Os governos, com falta de capital, estão a aumentar substancialmente sem que sejam empregues números mais substanciais de professores e recursos. Aumentos nas inscrições nas escolas primárias necessitam da expansão do sector de educação secundária - uma área que está gravemente negligenciada no sistema educacional africano. Para que a educação possa contribuir para os benefícios económicos que o continente necessita tão urgentemente, a escola primária tem que ser complementada pela educação secundária que proporciona aos alunos as competências e conhecimentos necessários para arrancar com o desenvolvimento. O que acontecerá aos milhões de alunos que acabam a escola primária em 2016 ou até em 2151, se não planeamos a sua educação secundária e que valor irá isso adicionar ao desenvolvimento nos países donde estas crianças são oriundas?

Os cinco capítulos do relatório examinam a situação da educação no continente e sublinham os desafios que têm que ser superados. O relatório pretende conseguir que os governos, os doadores e os políticos comecem a pensar e a planear em antecipação para se poder enfrentar os esperados sucessos do EPU.

Algumas das mais importantes conclusões são as seguintes:

A qualidade e quantidade dos professores devem ser aumentadas. EPU fez com que a procura de professores aumentasse mas há muito poucos e muitas vezes não estão adequadamente treinados. A UNESCO prevê que o continente precise de um mínimo de mais três milhões de professores para que possa enfrentar o aumento de inscrições. Por isso, África necessita de expandir radicalmente o recrutamento de novos professores e atrair à profissão os alunos mais inteligentes que acabam os seus estudos. África deve também melhorar a competência dos professores existentes através de programas de formação e treino prático nas aulas.

Os salários dos Professores devem ser aumentados. Os professores recebem salários extremamente baixos e por isso não é surpresa que o continente não consiga atrair para a profissão os melhores e mais inteligentes alunos que acabam os seus cursos. Educadores altamente competentes, muitas vezes deixam a profissão para posições de melhores salários e muitos dos alunos que acabam as escolas escolhem o ensino por falta de melhores empregos. Consequentemente, os países têm necessidade de aumentar os salários dos professores, oferecer incentivos e procurar melhorar as condições de trabalho.

Medir os resultados é um pré requisito para o progresso. Menos de um terço dos alunos no continente adquirem os conhecimentos básicos de ler, escrever e a competência mínima necessária para fazer contas com o objectivo de terminar a escola primária. Os estudantes africanos estão atrasados em relação aos seus parceiros asiáticos e da América Latina. O aperfeiçoamento dos métodos antiquados de avaliação e de currículos pode melhorar os resultados.

Educação de Matemática e Ciências necessitam de melhorias dramáticas. Estas disciplinas cruciais são alvo de negligência nos sistemas de educação africana e não há professores treinados, infra-estruturas e equipamento suficientes para ensinar estas disciplinas. Muito poucos alunos continuam a estudar estas disciplinas a nível secundário e menos ainda passam os seus exames. No Terceiro Estudo Internacional Repetido de Matemáticas e Ciências em 1998, que mediu o comportamento dos estudantes em 41 países em todo o mundo, a classificação média da África do Sul (275 em 800) colocou o líder tecnológico do continente muito abaixo da média internacional de 487 e atrás dos competidores económicos como a Indonésia, Chile e Malásia.

A educação secundária é tão importante como a EPU. Em África, as oportunidades de educação para além da escola primária são limitadas. A escola secundária é onde os estudantes conseguem adquirir competência de valor económico significativo. Contudo, o Banco Mundial estima que apenas 25% das crianças que acabam a escola primária se registam a nível secundário e que destas apenas cerca de 10% terminam a sua educação. Expandir e aumentar a despesa é essencial mas a reforma governamental tem que garantir que a qualidade seja aumentada. O desafio é de que uma educação secundária alargada complemente a EPU e não a comprometa.

A educação das meninas necessita de mais atenção. A maioria dos governos está a negligenciar o seu objectivo imediato de equilibrar o número de raparigas e rapazes até 2005. O Fundo Internacional das Nações Unidas para as Crianças (UNICEF) previu que cerca de 24 milhões ou 60% das raparigas na África Subsaariana não frequentavam a escola em 2002. Educar as raparigas trará os seus benefícios económicos e ajudará a reduzir os níveis crescentes do VIH/SIDA. Contudo, os países estão a ignorar a tradução do seu empenho às atribuições orçamentais. Os níveis de inscrições femininas devem aumentar para o dobro se a região pretender alcançar a Educação Primária Universal até ao ano 2015.

VIH/SIDA está a prejudicar as tentativas de alcançar a EPU, uma vez que um número crescente de crianças tem que abandonar os seus estudos para tomar conta dos pais fracos e doentes, apoiar os irmãos mais novos órfãos, e dirigir o lar. O SIDA está a fazer decrescer as oportunidades das crianças de se tornarem educadas. Menos educação faz aumentar a pobreza, que por seu turno faz aumentar a vulnerabilidade à infecção. Estudos desenvolvidos pela UNAIDS em 17 países africanos demonstram que terminar, pelo menos, a educação primária pode fazer diminuir para metade o risco dos jovens contraírem o VIH, mesmo que nunca tenham sido expostos a programas específicos relacionados com o SIDA. A UNAIDS prevê que até 2005 poderão ter morrido com a SIDA até cerca de 20% dos educadores da África Subsaariana e um número substancial de outros serão afectados ou infectados com a doença. Os governos não podem ignorar o impacto do SIDA na educação. Quando for orçamentado mais dinheiro para a educação básica, os Ministros das Finanças devem aumentar as despesas para os cuidados médicos primários, prevenção e cuidados às vítimas do SIDA.

A corrupção rouba às crianças o seu direito fundamental à educação. Em alguns países, a corrupção está tão generalizada que vai desde o desvio de fundos das escolas até à compra de diplomas de cursos universitários. Para resolver a questão da corrupção, os ministérios, os directores das escolas e os organismos de administração das escolas devem adoptar uma abordagem de tolerância zero contra as práticas corruptas.

A reforma curricular é urgentemente necessária. As escolas têm que ensinar mais do que escrever e ler. Devem treinar as pessoas e darem-lhes a capacidade para se tornarem pensadoras independentes e críticas. Mas em muitas escolas Subsaarianas, os alunos não sabem nem aprendem como estudar, resolver problemas ou tomar a iniciativa.

A África pode aprender com a experiência do Sudeste Asiático. Os Este Asiáticos revolucionaram o seu sistema educacional através do planeamento e empenho financeiro muito cuidadosos bem como da transformação da educação num sistema não negociável. Todas estas reformas irão custar dinheiro e poderão parecer impossíveis. Por isso, é imperativo que os governos do continente e a sociedade civil africana empreguem métodos novos e criativos para influenciar o mundo desenvolvido para que cumpra com as suas promessas. Os governos têm também necessidade de começar

a fazer mais com os recursos disponíveis, caso não se venham a abrir as comportas dos doadores.

O antigo Presidente Nelson Mandela da África do Sul sumaria de forma brilhante:

A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através da educação que a filha de um camponês pode vir a ser uma médica, que o filho de um trabalhador das minas se pode transformar no director da mina, que uma criança de trabalhadores de campo pode transformar-se no presidente de uma grande nação.

África está na cauda da lista global da fome seja qual for o índice utilizado. A EPU, apesar de nobre e equitativa, não retirará África da sua trajectória de desenvolvimento medíocre. Nós enfrentamos um fosso de conhecimento e competência que é muito mais vasto do que os ODM's sugerem e mesmo que tais objectivos sejam alcançados, África continuará na linha de trás dos seus competidores. A EPU, só por si, não vai resolver rapidamente tal situação.

A versão completa deste Foco sobre a Política do Nepad está disponível apenas na sua versão de língua Inglesa no local do South African Institute of International Affairs (SAIIA) no www.saiia.org.za